



Gaiato



Visado pelo
Comissário de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XXV - Nº 261 - PREÇO 1\$00



Aqui, LISBOA!

Vão-se tornando cada vez mais numerosas as vozes que no mundo se fazem ouvir a favor dos infelizes. Parece que não deveria ser necessário. Dois séculos de materialismo manobrado na sombra, deveriam ter elevado o mundo a um progresso tal que a dor, como foi prometido, tivesse desaparecido da terra, quanto mais a penúria, a fome e o desabrigo. Mas não é isso que vemos. Em vez do paraíso anunciado, uma grande parte do género humano vive não já na incerteza do dia de amanhã, mas na mais extrema situação de desespero no dia de hoje. Pouco se lhe dá ao mundo que outros sofram. Só a Igreja

clama. É de ontem o grito de angústia do, até agora desconhecido, Padre Pedro que, em Paris, se agarrou ao microfone para anunciar à França, que milhares de criaturas passavam a noite debaixo dos arcos das pontes e dos bancos dos jardins cobertos de neve, a uma temperatura de vinte graus negativos. Parece que o mundo estremeceu, a avaliar pela pronta resposta que ele recebeu de toda a parte. Se bem que entre nós o clima seja mais benévolo, também conhecemos famílias a viver em Lisboa debaixo de oliveiras e doentes incuráveis, arredados dos sanatórios, a abrigarem-se em tocas nas penedias.

São do Senhor Bispo de Beja estas palavras duma Pastoral que anda a correr mundo, apesar de ditadas apenas para os seus súbditos:

«Há crianças que definham a olhos vistos? Há!

«Há inválidos que caem sem o amparo dum pedaço de pão que lhes sustente as últimas forças? Há!

«Há os sem trabalho que cercados de filhos não encontraram no seu lar senão o espectro da carência? Há!

«Não surgem agora, perante uma crise inesperada, estes vencidos da vida, não é pela primeira vez que no ano presente crianças, inválidos e os sem trabalho caem inânimes e esgotam as forças à míngua de alimentação; passam já anos sobre anos, crises sobre crises e gerações sobre gerações definham, e enquanto todos vivemos na expectativa de dias melhores e à espera de medidas públicas que remediem tão apavorantes condições, os males crescem, o definhamento alastra e a miséria faz aumentar o cortejo das suas vítimas».

Mas não se fica em palavras, o bondoso Bispo. Procura o remédio imediato

«Enquanto aguardamos as medidas a longo prazo, importa dar solução imediata inadiável, para já, auxiliando tantos infelizes».

Para dar o exemplo vai à frente com o primeiro donativo e convida a todos a cooperarem na Obra do Amparo dos Pobres.

«Meus caríssimos diocesanos: eis o meu apelo, vamos libertar dos braços da desventura os nossos irmãos pobres, vamos dar de comer a quem tem fome».

Outros prelados, movidos por igual ansiedade e solicitude, estão a adaptar, para as suas dioceses, os estatutos do Património dos Pobres. Deste modo o Património, de rural em pouco tempo se tornou cidadão, de paroquial pas-

sou a diocesano e não tardará quem o torne nacional

Lá fora outros trabalham afanosamente no mesmo campo, embora de maneira diferente, e o já célebre bispo de Bolonha, foi ao ponto de transformar a sua casa em lar de desempregados.

E o Papa?

Que Deus conserve por muitos anos aquela voz intrepida que tem assombrado o Universo. Nem uma longa agonia o impediu de, mais uma vez, se dirigir ao orbe, em termos carinhosos para com os doentes. São dele estas frases paternais da sua mensagem do Natal de 1952:

«E agora o nosso pensamento dirige-se com particular e afectuosa solicitude para o exército sofrido dos pobres espalhados pelo mundo: pobres conhecidos ou desconhecidos, em países civilizados ou em regiões ainda não regeneradas pela cultura cristã ou simplesmente humana.

«Passam diante dos olhos do nosso espírito as famílias sobre que paira, como espectro ameaçador, o perigo de se verem separadas da gente de todo o ganho, com o repentino cessar do trabalho: para outras acrescenta-se a incerteza do ganho a insuficiência dele, tal que não lhes consente adquirir vestuário conveniente e nem sequer o alimento necessário para não adoecer. A condição piora quando elas são obrigadas a habitar em poucas divisões sem mobília e completamente desprovidas das modestas comodidades que tornam a vida menos penosa.

«E se a divisão é uma só e deve servir para cinco, sete ou dez pessoas, todos podem imaginar quanto mal estar! E que dizer daquelas famílias que têm algum trabalho, mas não possuindo casa, vivem à sorte em barracas, em cavernas, que não se destinariam nem sequer para animais!

«Mas o espectáculo mais desolador é o apresentado pelas famílias a que falta tudo. Famílias em «negra miséria»: o pai não trabalha; a mãe vê definhar os filhos, absolutamente impossibilitada de socorrê-los; cada dia falta o pão, cada dia falta com que cobrir se, e, mal de todos, quando a doença vem fazer ninho naquela caverna transformada em habitação humana.

«Enquanto o nosso pensamento vai para estas visões de pobreza e de miséria, o nosso coração enche-se de ansia e sente-se oprimido — podemos dizê-lo — por uma tristeza mortal. Pensamos nas consequências da pobreza e especialmente nas consequências da miséria. Para algumas famílias é um morrer de todos os dias e de todas as horas...»

Parece que andou pelas furnas, pelo Barredo e pela Curraleira. o Vigário de Cristo, qual outro padre da real!

E não vamos além em citações

Continua na 1.ª página

O OVO

No fim vamos ter grande baralhada, por causa deste grito e muitos outros iguais: 100\$00 pelo comovente e divino Ovo de Colombo.

Não assina. Não indica o número. No subscrito, nada. Não sabemos quem é. O rapaz encarregado, não dá baixa, e mais recebe 100\$00!

Como não dá baixa, chegando o tempo, vai o postal. E aqui temos a baralhada. Também se não pode tomar a culpa ao Leitor. A este e a outros A muitos. Aquilo é um desabafo. É o espanto. Outros dizem assim:

Aqui vão 100\$00.

A sua leitura faz-me pensar para melhor meditar. Logo continuarei e com certeza hei-de parar mais vezes sufocado por tanta luz... Bendito seja Deus!

É o inesperado. A simplicidade a surgir do complexo. As almas extasiavam-se, e ficam esquecidas. Mandam dinheiro e não dizem nomes. Não sabem o que fazem, quais discípulos da Transfiguração!

Andamos todos tão cheios de formulas e teses, que o Padre Nosso assombra e constitui a grande novidade! Isto é o Ovo de Colombo.

Uma Carta

«Nesta hora, que talvez seja de partida para a Eternidade, quero agradecer todos os benefícios que me tem trazido a leitura do «famoso» Gaiato. O Evangelho que transborda das suas páginas inflamou muita vez o meu zelo e aumentou sempre a minha Fé. Obrigado por mim e por tanto pobre mortal que ainda não saberia quem é Deus se não fora a leitura deste jornal incendiário.

Peço-lhe só um pensamento durante a Santa Missa para que em mim se cumpra a vontade de Deus».

Não se deve tomar à conta de um só, quando a verdade é que são vários os cronistas do famoso; tão pouco a carta se refere a ninguém. Mas o facto existe e basta; o jornal é Incendiário.

Já não é deste mundo quem a escreveu embora ainda não tenha partido. Não é. Se o fora não dizia na mesma carta — peça um pensamento durante a Santa Missa para que em mim se cumpra a vontade de Deus. Oração plena!

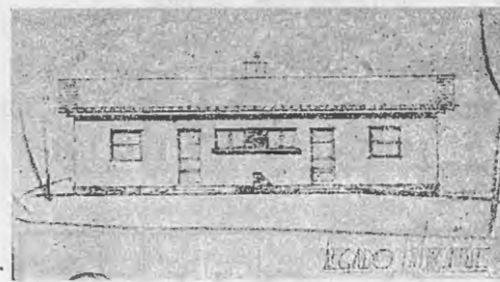
Campanha de Assinaturas

Desde que Júlio e Avelino lançaram aqui o apelo, não tem vindo um dia ao mundo, que nos não traga presenças. Muitas delas. Cinco continentes do globo terrestre. Cada quinzena aumenta a tiragem. Sendo que Júlio Gomes foi para um emprego, Manuel e Tomar ficaram na brecha. Tem havido uns pequeninos deslizes por causa dos pardais; eles encontram sempre o momento de sair, de armar a ratoeira e de cima, à janela, espreitar... Mas isto brevemente termina. Apenas comecem as sementeiras, os pardais largam-nos a porta. Por isso os senhores não esmoreçam. Nós queremos provar ao mundo a suficiência, comendo o pão nas nossas casas com o suor do rosto. Tendem-se. Caminhemos para isso. Em tempos dissemos que, uma vez na casa dos trinta mil, eramos chegados à era da libertação, pela auto-subsistência.

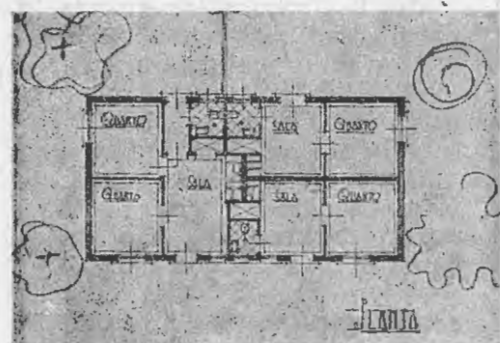
Um auditório quinzenal com ouvidos de ouvir, basta. O milagre dá-se. O pão chega e das sobras repartimos.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

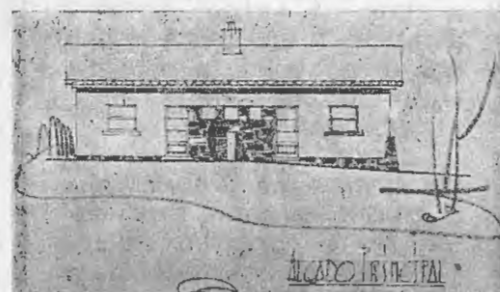
Nós estamos na presença de um facto extraordinário. Não lhe vamos naturalmente dar o nome de milagre, mas apreciá-lo à Luz do Céu, isso sim. Isso devemos fazer para dar alimento à alma. O Património dos Pobres nasceu em Fátima,



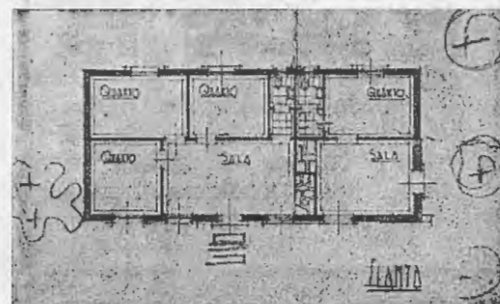
Tipo A. Alçado
Casas deste estilo faremos até onde o plano der. São gémeas. Em cada uma, alojamos duas famílias.



Tipo A. Plano



Tipo B. Alçado.
Esta classe de moradias dá para um casal e para uma família numerosa. A parede mostra divide. Todas elas têm seu alito, aonde o bom gosto de futuros habitantes pode e deve encontrar alimento.



Tipo B. Plano

ma, a treze de Maio de há dois anos. A semente foi lançada por um padre da rua. Alguma dela foi comida pelos passarinhos. Outra nasceu, mas veio o sol e queimou-a. Houve dela que resistiu e chegou a crescer, mas a erva ruim também e afogou-a. Houve ainda muita semente que o Diabo apanhou. Finalmente vem o oiro mai lo azul. Terra boa, pronta, sequiosa. A semente não se discute. Dá com o seu elemento e rende a cento por um. Estamos na presença de um facto maravilhoso!

Tinha que ser diferente de tudo quanto se costuma ali dizer, a doutrina que então se pregou.

A Virgem Maria, mostrou o seu filho descarnado, a viver com animais, como os animais! O povo estremece e eis-nos a colher o fruto de Norte a Sul. Tenho aqui uma carta de Montemor-o Novo. O pároco meteu ombros. Andam planos e engenheiros. Uma senhora da Vila, quer oferecer dez casas! Vai arder o Alentejo. Outro pároco de Trancoso, da mão de alguém que oferece um hectare e duas casas e explora a água para dar de beber aos pobres de graça. Oh prece! Os vicentinos de Avis, andam empenhados. Poderia falar de muito mais casos. Nós somos o elo. Demos a obra à Igreja e agora somos a embaixada. Os pais da rua são os embaixadores de Cristo! Os jornais de hoje, em letras de maravilha, davam a notícia de o senhor Capitão Aniceto, Governador de Ponta Delgada, ter oferecido os seus vencimentos de sete anos! Sua Esposa oferece terreno, e ambos vão construir trinta casas para pobres na sua terra natal! Da última vez que Ele esteve no Continente, foi ao Tojal ver casas do Património...

Também não é de pequena monta o que se está realizando em terrenos de Miragaia: um grupo de moradias. É demolir, e parece que estamos construindo. Demolir o antiquado e inadequado. Cem famílias libertadas do Incrível, podem e devem deixar lugares abertos, pela total demolição do pardieiro. Esses lugares, podem vir a ser terra desocupada.

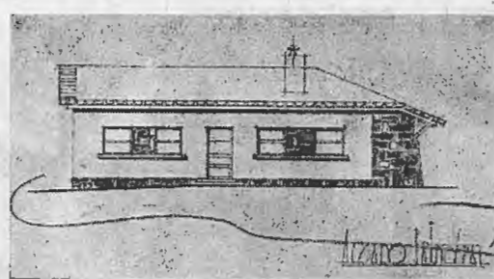
Nós surrimos. Venha a Urbanização.

deviam dar! Não sei aonde é que se aprende a doutrina do escorregar; não sei.

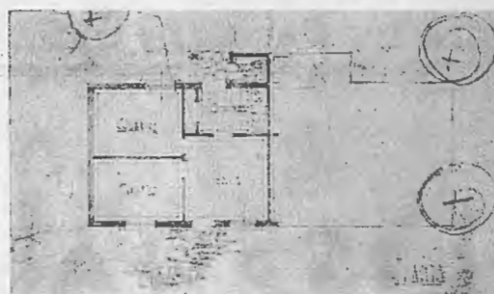
Noutro dia, no Porto, passo por certa rua. Vinha do Barredo e na minha companhia, o chefe do Lar. Tínhamos dedicado aquela tarde aos Pobres. Em certo local faz-se silêncio. Estão figuras postadas nas soleiras. Ouve-se baixinho, aqui vai fulano. Há olhos no chão. Era um friso de Carne! Nisto, uma desloca-se. Não têm respeito humanos, chega-se à minha beira, toma nas suas as minhas mãos pectorais e diz-me soluções! Caminhei sem nada responder. Não era ali o poço de Jacó. Se tivesse parado, obstruía. Um nadinha abaixo, oico do meu companheiro—viu como ela chorava?!

Eis aqui. Tanto faz dormir nos palheiros, como debaixo de rama, como nos bancos das praças e até mesmo em sociedade. Seja aonde e seja quem. Só as lágrimas! Viu como ela chorava?!

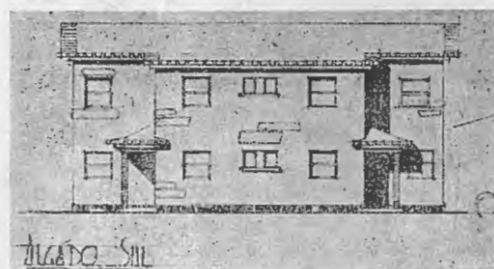
Felizes os que as compreendem!



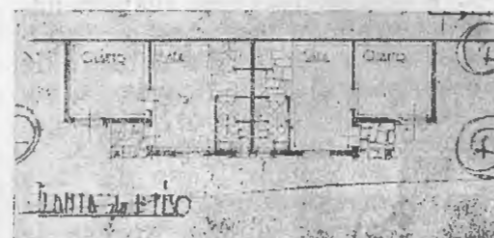
Tipo C. Alçado
Como as estrelas do céu, também as casas deste bairro não são iguais, a não ser na condição de que ninguém paga renda! Deus manda dar de graça.



Tipo C. Plano



Tipo D. Alçado
Este lote é de dois andares de sorte que teremos 4 famílias em cada prédio.



Tipo D. Plano

Notícias da Conferência

da Nossa Aldeia

Uma carta da América diz assim: para aí envio um cheque de 5 dólares para os pobres da Conferência; isto foi uma promessa que fiz. Quando entregue deseje que me respondam. A confirmar a quantia escrevemos um cartão de agradecimento e aqui vai uma segunda via. No entanto esperamos por mais dólares. As colónias de portugueses na América são grandes e progressivas. Avante pelos pobres!

Tomar 15\$00. Assinante 1 558, 10\$00; é dos primeiros, que os últimos roçam os trinta mil! Lisboa segue com 20\$00. Eduardo Melo da capital, também, 30\$00 remanescente da liquidação do célebre «Ovo de Colombo» que ora é o prato do dia dos nossos inúmeros amigos. Por alma de Idalina da Conceição 20\$00. Fernando das Neves Tojal 10\$00. Torres Vedras outro tanto. Alice e Luís, da Parede com 20\$00. A capital idem. Outra vez Lisboa e mais 20\$00. E mais Lisboa 80\$00. Lisboa está-se a sair... Que é feito do Porto? Parede 20\$00. Assinante 22791, 100\$00. E o assinante 6255, de de Lisboa 150\$00. Peniche 100\$00. Luanda 50\$00; África bate á porta muitas vezes. O costume: para a Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia 20\$00. E por fim Lisboa com 500\$00! Graças a Deus.

JÓLIO MENDES

NOTA DA QUINZENA

O nosso mestre de Obras era homem de picão. Revelou-se quando das obras de restauro no velho mosteiro de Paço de Sousa e o seu canto de cisne, foi a rosácea do templo, executada por ele. Não tornou a picar granito. Extremou-se. Subiu. É hoje um mestre qualificado.

Quando aqui cheguei, faço-lhe entrega dos planos e dou-lhe a incumbência de realizar. Começam as primeiras casas a sair dos alicerces. Conselheiros vêm-lhe falar—Olhe que você acantele-se...! O mestre escuta. Vacila. Continua. Vem a primeira das casas grandes. São mil contos. Novos conselheiros:—Olhe que o dinheiro não cai do céu. Acantele-se...!

Isto era no princípio. Subiram as três primeiras. Subiram mais catorze. A nossa aldeia pode-se ver por gosto. São dezassete edifícios.

Eu nunca faltei ao mestre. Ele nunca faltou a mim. E os medrosos?!

O homem não pode ler no coração do homem. Das coisas do espírito, só o espírito. Por isso mesmo, nós não sabemos o que hoje pensam das obras os medrosos: olhe que você acantele-se...!

Com a certeza nas suas mãos, aquele mesmo mestre recebe das minhas novas planos, com ordem de executar. São as moradias de Miragaia. O Arquitecto é o mesmo: Teixeira Lopes. O fim é o mesmo: servir os pobres. A mesma Verdade. Chegamos ao final das obras em Paço de Sousa com as contas em dia e vai ser da mesma sorte com o Bairro de Miragaia.

Olhe que o dinheiro não cai do céu; e eu cá digo que sim. Eu declaro e berro e revelo ao mundo inteiro. Eu sou testemunha e dou testemunho de que, com obras desta natureza, é do céu que vem o dinheiro. Vem todo. Vem sempre. Vem sem limites. Se trabalhamos muito, é muito. Se pouco, menos. Se nada, nada.

Desde os primeiros dias de Fevereiro que o mestre tem gente a trabalhar. Nós desejamos a todo o transe fazer entrega das casas e instalar habitantes até ao fim do ano. Estão em causa muitas centenas de contos. Não importa. O dinheiro vem do Céu. O dinheiro cai do Céu. Se os pais da rua fossem pescadores, haviam de ir por ele ao ventre dos peixes, como dantes o Pescador. Mas, como são da rua, é na Rua. Ruas. Travessas. Praças. Mercados. Até o Barredo! As peixeiras, as carrejonas, homens do rio, tendeiros. Os do carvão. Donos de tascos. Mercieiros. Os pobres de pedir. Os desempregados. Os sem morada. As meretrizes! Todos. O caso mais emocionante deste século, é esse de os pobres do Barredo darem uma casa aos seus irmãos de Miragaia! E quando aquele bairro estiver erguido, e suas placas atixadas, entre os nomes de ruas de elite, havemos de ler em qualquer uma—Casa do Barredo. Romance? Poesia? Não. O dinheiro vem do Céu. O dinheiro para Estas Obras cai do Céu.

PROPAGAI

O Gaiato

Angariando novos assinantes

OUTRA CARTA

Tenho-a aqui. Na freguesia de tal, dorme numa meda de rama de pinheiro uma desgraçada com quatro filhos muito pequeninos. A carta prossegue. Informa que se trata de uma escorraçada e pedem para eu acudir. Querem que eu faça uma casa para ela morar com os filhos.

De uma vez, num caso semelhante, construiu-se uma casa do «Património».

A desgraçada instala-se com seus filhos. Meses depois vou ali e indago. Irrepreensível! Porquê? A Graça recuperada é da mesma natureza da Primitiva. Esta de quem falo, por ela, Graça, e dentro de uma casa decente, salvou-se. Debaixo de um monte de rama de pinheiro,—impossível. O autor da mesma carta diz-me que chorou, quando ali passei num dia de chuva e vi as criancinhas completamente nuas, à espera que a roupa secasse. A Escorraçada pede ao sol o que os homens lhe



TRIBUNA DE COIMBRA

As nossas contas são um dos passos dolorosos no caminho do nosso Calvário. E Deus permita que este Calvário nos leve à glorificação.

Quem não tem olhos de ver, chama-nos ricos. Confunde-nos com o próprio Governo; afirma nos que temos bairros mais baratinhos para alugar aos pobres; não acredita na nossa pobreza, nem nos nossos gemidos.

Pelo contrário, os quem têm olhos e alma e sensibilidade acreditam-se e correspondem à sua fé.

É mais para este do que para aqueles que damos testemunho da nossa administração.

Não que desconfiem de nós mas queremos que saibam o destino daquilo que com tanto amor depuseram nas nossas mãos de barro humano.

Tivemos sempre o pão de cada dia e a roupa suficiente para cobrir a nudez e resguardar do maior frio e chegamos ao fim do ano e pudemos sair à rua com a cara descoberta. Talvez pelo Pai Nosso e Ave Maria de manhã e à noite e o Glória ao Pai antes e depois das refeições pelos nossos Benfeitores. Nós acreditamos que é Deus que dá; mas dá também os corações dos homens e por isso rezamos a Deus pelos Benfeitores.

Começamos o ano com 74 rapazes, sendo 58 na casa de Miranda e 16 no Lar de Coimbra.

Destes, um foi para África, um internado na Tutoria, quatro saíram voluntariamente.

Procuramos sobretudo não descuidar a parte moral e espiritual dos rapazes. Cada um é um santuário onde Deus se deve sentir bem. Orientámo-los para que amanhã sejam bons cristãos. Neste campo estamos muito gratos ao Senhor Prior de Miranda, que tanto nos tem ajudado.

Tivemos uma despesa total 441 854\$40.

A alimentação, vestuário e o necessário para a educação custou 211 854\$40.

Continuamos com as obras e gastamos com elas 190 000\$00. Terminamos a casa grande onde instalamos cozinha, copa, salas de jantar, celeiro, balneário com oito cabines a água quente e fria e cinco quartos. Fizemos a festa da inauguração da mesma no passado dia 6 de Setembro e vimos nesse dia pela primeira vez em nossa casa e no meio de nós o Bispo dos actuais padres da rua, Senhor Dom Ernesto de Coimbra. Estiveram também presentes muitas pessoas amigas.

Começamos a construção dum novo edifício para escola e salão de festas com palco, vestiários, salinha de professor, dois quartos de banho e cave para arrumações e levámo-lo até ao vigamento do telhado.

Iniciamos a construção de quatro casas para Pobres em Coimbra; ajudamos a construir uma casa à Conferência de Miranda.

Adquirimos por compra dois terrenos, tendo um deles 15 hectares e fizemos-lhe um poço, gastando em tudo 40.000\$00.

Continuamos a assistir aos pobres e doentes na medida das nossas possibilidades. As nossas duas Conferências tiveram vida e movimento. Por sistema, não apontamos aquilo que damos aos pobres, mas se somássemos, devia de dar uma boa quantia.

Proporcionamos 15 a 20 dias de festa e repouso a cem crianças nas nossas Colónias da Senhora da Piedade.

Estivemos com vinte dos nossos mais necessitados durante 17 dias na Praia de Mira. Mas ali pouco gastamos, graças às pessoas que nos rodearam de todos os carinhos.

Donde nos veio o necessário para fazer face a tanta despesa?—Nós mesmos o ignoramos na maior parte.

Recebemos 60.000\$00 da Assistência. Da Câmara Municipal de Coimbra 5.000\$00. Um grupo de amigos de Coimbra, a quem chamamos subscritores deu nos 10.000\$00. Este grupo uniu-se logo de início para ajudar o Senhor Padre Américo. Actualmente está a arrefecer um nadinha por parte de alguns. Ora vamos lá a encher-nos de coragem!

Andamos a pedir pelas igrejas de S. Bartolomeu, Santa Cruz, Sé Velha, Sé Nova, Seminário e Carmelitas em Coimbra e Luso, Buçaco, Santa Catarina da Figueira, Monte Real, Nazaré e S. Martinho do Porto e deram-nos 33 355\$00.

Os nossos Vendedores com o seu esforço e entusiasmo e amor também de quem os recebe trouxeram-nos 46 635\$40.

Os restantes 285.864\$40 vieram-nos sem sabermos como nem donde. Manifestações da Presença e Providência de Deus que de joelhos devemos adorar.

PADRE HORACIO

Do que nós necessitamos

Mais 50\$00 de V. F. de Xira. Mais 290\$00 de Odivelas. Que nome! Que história! Mais 50\$00 de Espinho. Outro tanto de Lisboa. O mesmo de Barcelos. As Primas Barros de Lisboa com 3 lençóis. Mais 100\$00 da Dolorosa. Metade do Porto. O mesmo da Malveira. Por o Gaiato anda! O dobro d'África, Beira. O Tomar trouxe 500\$00 de Braga. Dantes ninguém confiava e se o fizessem, o rapaz fugia. Hoje não. A Mãe da Maria Armanda, torna com 20\$00. Mais 200\$00 de Newark, para uma mulher prestes a ser mãe. Este recado é da América do Norte. Atravessou o mar. Não perdeu nada da sua beleza. Mais 500\$00 de Francelos. A Maria da Glória digo que sim. Mais outro tanto de dinheiro do meu enxoval. A gente nem sabe que mais apreciar, se o dinheiro ou seu destino! Sim; recebemos os 250\$00. Mais 250\$00 angolares, que ora valem por escudos. Mais 20\$00 de Coimbra, que manda uma menina d'África. Mais 100\$00 da terra do Zé do Telhado. Mais o dobro de Lisboa. Mais 100\$00 de Viseu, de uma promessa de 600\$00. Mais 5 000 Cruzeiros. Mais 20\$00 do Porto. Mais 200\$00 de Coimbra. Mais outro tanto de uma grande amiga. Mais de Lisboa 50\$00 de E. Mais do Congo Belga um cheque de cem francos. Mais 90 de uma Portuense. Mais 60\$00 tirados ao meu modesto exame de professora. Mais 100\$00 de Moçambique. Mais 75\$00. Mais 105\$ de Lisboa. Mais 250\$00 de Lisboa. Mais 50\$00 de África. Mais outro tanto. Mais de Abrantes. Mais da Sobrena, 600\$00. Mais 150\$00. Mais 70\$00 de Gaia. Mais uma joia de Albergaria dos Doze. Mais

20\$00 de Vila Real, uma cotização. E esta? Um mealheiro com 101\$50 fruto de borlas em automóveis. Resolvi fazer de conta que pagava!!! Mais 100\$00 de Gaia. Mais metade. Mais 20\$00. Mais 100\$00 de Mira d'Aire. Mais de Lisboa 140\$00 de um aumento de ordenado. Mais 100\$00 do Porto. Mais mil de Lisboa. Mais 400\$00 da Beira. Mais 200\$00 de Lourenço Marques. Outro tanto de Gondomar. Aqui não há aquém nem além; é tu lo mãos dadas! Mais 5 escudos para a cancerosa que tem aí em casa. Oh doença! Mais 50\$00 de Castelo Branco. Outro tanto de Santo Isidoro. Mais 20\$ de Gaia. E disse.

AGORA

Vai aqui um assinante com 50\$00 na mão. Outro com 500\$00. A Maria de Escalos de Baixo, leva a sua segunda prestação de 1.000\$00. O mesmo faz alguém do Porto, que vai quase a chegar ao fim. Uma senhora de ao pé de Bragança, que em tempos deu cinco, manda agora mais sete e já tem casa. A seguir marcha alguém com 50\$00. E o senhor Faria do Porto vai com o dobro. Com metade, alguém de Lisboa. Com o dobro, um senhor de Lagos. Devo aqui declarar que o Ex.^{mo} Sr. Bispo Auxiliar do Algarve, anda muito interessado e vai construir casas para pobres. Por isso daqui me dirijo a todos, apelo e espero que, em vez de ser para aqui, sejam para Ele todas as ofertas do povo do Algarve. Muitas de boa vontade e até à data em que tenham abrigo decente, os indigentes que por lá andam. Uma Maria de Coimbra vai aqui com 100\$00. Em tempo declaro, que a senhora de Bragança deseja na sua casa a placa — Casa Nossa Senhora da Conceição, em memória diz ela, do ano Mariano; e assim vai ser. Quem sabe se esta casa não vai puxar por outras — quem sabe?! Seria um acto de devoção à Mãe de Cristo. Agora arrumem-se. Vai passar uma senhora que tinha projectado ir à serra ver a neve e depois da leitura do Ovo de Colombo, anula tudo e manda dois contos! Os senhores arrumem-se. Não atranquem. Outra arrumadela. Vai aqui uma senhora de Lisboa com uma rara audácia. Começa a sua casa com 100\$00 e promete ir até ao fim; quero interessar o meu marido. Temos casa. Mais espaço por favor; aquele que todos os meses furta 20\$ ao seu tabaco, torna. Mais 50\$ de uma Algarvia. Uma telha de Lisboa. Pombal enfileira com 200\$00.

Chegaram os Ferrovários! Por enquanto são poucos, com pouco; mas não tenhamos pressa. O dia em que a palavra penetrar nas redes gerais, muitos pobres de Portugal se hão de abrigar em lindas casas — quantas delas! Antes de recolher, demos à procissão volume e importância. É a Alfândega do Porto. São os Despachantes da Alfândega do Porto. Recebi hoje notícia e pedido aonde haviam de depositar; e eu disse no Banco Espírito Santo, conta do Património dos Pobres. Em boa hora começamos os caboucos,

CONTAS

RECEITA

Certa — Um título de Dívida Perpétua	4.500\$00
Eventual — Jornal «O Gaiato»	1.056.000\$00
— Edições	106 212\$00
— Subscritores	10.000\$00
— Contribuição dos Rapazes dos Lares	62.000\$00
— Subsídios da Assistência	284.000\$00
— Subsídios da Polícia de Segurança Pública	81.000\$00
— Subsídios do Governo Civil do Porto e Coimbra	15.000\$00
— Subsídios das Câmaras Municipais de Loures, Coimbra e Porto	22.000\$00
— Subsídios do Fundo do D. semprego	175.000\$00
— Rendimento das quintas	182.000\$00
— Rendimento da Tipografia	96 190\$00
— Donativos	993 448\$00
	3.087.350\$00

DESPESA

Alimentação de 400 Rapazes, incluindo rouparia, sapataria, lavanderia, escola, saúde e deslocações	1.440.000\$00
Combustível	32.000\$00
Renda de Casas	73 200\$00
Energia e Luz	31 825\$00
Aluguer das quintas	140.000\$00
Jornal «O Gaiato»	187.000\$00
Salários e gratificações	142.000\$00
Salários da Tipografia	42.400\$00
Matéria prima da Tipografia	159 925\$00
Obras na Casa do Tojal	224 000\$00
Obras na Casa de Miranda do Corvo	190 000\$00
Obras na Casa de Paço de Sousa	425.000\$00
	3 087 350\$00

O maior arrojo destas contas, consiste no facto de, tendo a Obra apenas uma verba certa de 4.500\$00 por ano, manuseou três milhões e oitenta e sete mil deles! E aqui não entram dinheiros do «Património dos Pobres». Isso consta do «Ovo de Colombo».

Aquele eventual significa que toda a receita é precária. Os que nos têm dado, podem vir a aborrecer-se. Então quê? Caminhar com amor e tremor. Mais nada? Mais nada!

EM DISTRIBUIÇÃO

«O OVO DE COLOMBO»

Pedidos à Editora
Tipografia da

CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

No dia 31 de Janeiro, o nosso time de futebol foi convidado a deslocar-se ao campo da Bela-Vista, para defrontar o conjunto da JOC F. C. a qual saiu derrotada por 4-3, depois de um re-hidissímo desafio. O nosso grupo bem orientado por Carlos Inácio na linha avançada, chegou a estar a ganhar por 3-0. Isto foi resultado feito na 1.ª parte. Na segunda o adversário depois de uma brilhante recuperação conseguiu diminuir a diferença já bastante volumosa.

E assim chegou o fim do jogo com a vitória do G. D. da Casa do Gaiato, por 4-3.

Também fizemos um jogo de reservas em que se registou uma vitória nossa de 3-0.

O primeiro time alinhou da seguinte maneira: Rogério; Arlindo e Azevedo; Brito, Júlio e Fernando Marques; Lourenço, Fernando Miranda, Inácio, José Joaquim e Norberto.

Falou-se em irmos jogar a S. João da Madeira, e que já se anda a arranjar.

—Últimamente tem comido em nossa casa, um nosso irmão que brevemente irá para África. É o Brito. Est- rapaz foi trabalhar para a Tabú quando pequenino, e hoje é o que se vê. Abençoado o patrão que prepara assim um rapaz pronto a lançar-se à vida. Boa viagem e que breve mente possam mandar ir alguns dos seus irmãos, é o que os seus colegas do Lar do Porto te desejam.

Manuel Figueiredo (Risonho)

PAÇO DE SOUSA

Nestes últimos dias de Fevereiro tem estado aqui muito frio e tem caído muita geada.

O lago do jardim do hospit. I tem mesmo gelado. Tanto que alguns lá têm andado a patinar. O último a patinar foi o Amaran, pois a crosta de neve deu de si e vai o Amaran, toma banho... sem querer...

Pois agora mais ninguém lhe apetece mostrar as suas habilidades...

—Amigos, o «Ovo de Colombo» está em franca distribuição. Todos os dias seguem pelo correio as centenas deles, prevendo-se para muito breve que se esgote...

Escreva duas simples letras à Editora Tipografia da Casa do Gaiato e o livro será-lhe enviado num breve espaço de tempo.

—Como sabem os nossos amigos, o Manel do Embrulho é o refeitório dos Senhores... e também muito lambareiro!

Quando os Senhores se levantam da mesa, lá está o Manel do Embrulho a lambear os pratos, e a choxar os ossos.

Num destes sábados que ele andava a estregar, resolveu pedir à senhora uma pinga de café com leite, ao qual ela respondeu que não.

O que é que ele faz?

Apanha a senhora segura, foi à mesa dos senhores, tirou todo o café com leite, rapou o açucareiro e pôr-se a andar...

Foi descoberto e chamado a contas. Quando a senhora lhe perguntou como aquilo tinha sido ele respondeu:

O minha senhora, eu não sei de nada, mas se calhar foram os gatos!...

—O Russo que veio do Lar do Porto, não por mau comportamento, mas sim por não haver emprego. Depois de estar um tempo a rachar lenha, transitou para o ferreiro onde tem sido um rapaz aplicado.

Um destes dias, ao deitar gasolina ao lume para o atear, deixou que lhe caísse uma boa porção nas calças, à qual o lume não se fez rogado.

AGORA — Continuação da 3.ª página

aliás chegavam eles primeiro!

Os talões de depósito dizem assim: *Pessoal dos diversos quadros da Alfândega para efeito da construção de uma casa para os pobres*, 10 601\$50. Despachantes oficiais e seus ajudantes, 12 140\$.

Ele é tempo de recolher sim, porém, não podemos deixar os Empregados do Banco Nacional Ultramarino, — Porto. Não podemos. O apuro final da subscrição deu 12.600\$00. Eles pretendem que a casa seja construída no Porto, se possível. É possível sim senhor. Vai ser no Barredo, com sua placa. Esta e muitas mais. Todas. Aquele aglomerado de moradias, vai ser pelos séculos fora a palavra eterna, a proclamar a existência e a presença e o governo de Deus! Quem ergueu as Catedrais daquele tempo? Esta devoção.

«Sabemos, pelo «Malhado» que se vai arranjar mais outra casa para os Empregados das Filiais do Norte. Eu acredito.

Ao sentir o lume, Russo começa a fugir pela oficina fora a gritar a quem lhe acudisse.

Nisto o Fonseca, corre atrás dele e diz para se vir deitar na pia que estava cheia. Ele vem todo esbatido, e deita-se na pia.

O Russo livrou-se, dum braço, mas o que lhe valeu muito foi ele trazer vestidos dois pares de calças!...

—O Joaquim Bonifácio, dinâmico secretário do Avelino, vai deixar de ir à venda do famoso pelo motivo de ter muito que fazer no escritório. Se ele for é mais uma ou duas vezes para se despedir dos fregueses e acabou.

—Agora pela maré do meu aniversário, recebi alguns selos e jornais o que muito tenho a agradecer.

Em primeiro lugar, de uma admiradora da Obra da Rua e que eu julgava ser um senhor que todas as semanas me tem enviado vários jornais. Em segundo lugar, ao senhor Albino Loureiro, também de Coimbra, que me enviou um lote bom de jornais. Em terceiro lugar agradeço ao senhor Párcico de Ribeirão que também tem a amabilidade de enviar alguns, promessa de mais.

Quanto a selos: de uma Professora, selos muito bons, de um senhor de Velas, também. Da rua Castilho, de Lisboa, vieram também cá ter e por fim recebi do senhor Adelino Costa um lindo postal, com as saudações da praxe.

—Quanto a livros para a Biblioteca, registamos a oferta de três bons livros, de uma assinante de Beja. Muito obrigado.

Daniel Borges da Silva

TOJAL

De dia para dia vamos ficando cada vez mais contentes, porque com os acabamentos, a nossa Igreja vai ficando mais linda. Muitos vão passar os recreios a olhar para o altar e para o coro e para a varanda que foram feitos em Paço de Sousa.

A inauguração será um dia de festa para todos nós e para todos os de cá da nossa terra. Esperamos que nesse dia virá toda a gente à missa do novo Sacerdote Sr. Eng. Carlos Galimba.

O Sr. Prior da freguesia anda a ensaiar os Cantos, mas falta-nos uma coisa: É um harmónio. A nossa linda Igreja está a pedir um harmónio bom. O pequenino que nós foi oferecido pela Casa Valentim de Carvalho, está gasto. Quem se lembra de nós? Queremos música para a festa ser mais brilhante. Também nos falta um crucifixo grande, de tamanho natural, para substituir o que foi queimado com as outras imagens no adro, em 1915. Também não temos paramentos nem alfaias em termos, porque foi tudo queimado, mas isso é o menos, pedimos emprestado.

—Na reunião do dia 7 deste mês, os nossos confrades vêm todos dizer que os seus pobres necessitavam de roupa, tanto para vestirem como para se taparem. Mas nós de roupa estamos muito fanados. Três dos nossos pobres estão à morte. Um deles já recebeu os sacramentos. Outro, o pobre João Pansa, também teve de ser internado num hospital. A outra está cá em nossa casa por não termos ainda conseguido interná-la. Pedimos aos nossos leitores que sempre que possam nos enviem roupas, o que lhes agradecemos desde já.

—Os três primeiros dias deste mês foram dias de frio como nunca aqui se viu. Eu faço uma pequena ideia o que seria para o Norte. Iamos nós para a missa, dia da Purificação de Nossa Senhora e só víamos neve, em redor. Os montes e os telhados estavam todos branquinhos. Ao mesmo tempo era bonito a valer. A maior parte de nós nunca tínhamos visto neve.

—Recebemos num destes dias um suíno gordo, do Alentejo. Tem vindo todos os anos. É escusado dizer que o dia de matança é dia de festa. Há aí meninos e filinhas que passam de tudo porque lá em Lisboa, nunca viram nada. Não sabem o que é uma fígura e são capazes de chupar as unhas do animal que está a ser amanhado. O que todos sabem é comer e chorar por mais. Até o Malucotes soube ir com o arame pescar choríficos à chaminé por cima do telhado. O pior é que foi acido.

Havia uma Senhora do Buçaco que todos os anos se lembrava de nós. Este ano esqueceu-se, Deus lhe dê vida e saúde para continuar.

Joaquim A. Gouveia Marques

Aqui Lisboa — Continuação da 1.ª página

para não alongar. Apenas quero lembrar que tudo quanto afica, tem por fundamento e razão de ser a extensão e profundidade do Coração d'Aquele que, no descampado, perante uma multidão de cinco mil homens famintos exclamou, e o eco da sua voz há-de prolongar-se até ao fim dos tempos: *misereor super turbam* — Eu tenho dó do povo!

Ouve, mundo, e acredita! Só n'Ele encontrarás a salvação.

Padre Adriano

TRÊS CARTAS

A onda de amor do Próximo que nesta hora feliz estávolvendo e revolvendo Portugal, desentranha ideias escondidas. É a luz

«Infelizmente verifica-se da parte de certo «grandes senhores» que por obra do acaso dirigem grandes organizações (cidades anónimas e outras) o desinteresse mais completo pela vida daqueles que só do seu trabalho vivem e que lhes pagam salários ou vencimentos que mal chegam para comer, quanto mais para acorrerem a outras necessidades indispensáveis! Nesses senhores não existe caridade nem espírito cristão. Só os grandes negócios em que andam envolvidos contam pelos resultados extraordinários que obtêm, pois para eles o dinheiro é tudo. Não têm tempo para se ocuparem das necessidades dos seus colaboradores, nem sequer, nas grandes organizações os conhecem, nem procuram conhecer, a não ser aquela meia dúzia dos que à sua volta andam.»

Este é um. Mas ele há milhares e milhares de outros homens que pensam da mesma sorte. Aqui não há

revoltas. Há tristeza. Há amor à justiça.

Agora são três linhas, tiradas da carta de um vicentino. Um vicentino é um amador do Bem.

—A Conferência de S. Vicente de Paulo apenas tem sido auxiliada pelos pobres, pelos trabalhadores, pelos operários. Mas com estas muitas migalhas socorremos, recentemente, 19 pobres e tencionamos fazer 2 casitas para as famílias que vivem nas cavalariças, por complacência dos ricos».

(As reticências são do autor)

Outro bocadinho de uma carta:

«A ignorância religiosa, mais do que se julga, não deixa ver que da imensa cifra gasta em luxo, se poderia desviar o suficiente para extinguir a miséria em Portugal. A Caridade é um conceito convencional que ateserve de pretexto para chás dançantes!...»

Todas elas marcam o sinal dos tempos. Dantes não se lava assim. Nunca verdades tão altas dentro de uma tamanha compostura. Bem aventurados os que choram por amor da justiça. Esta cartas choram.

APRENDI SEM APRENDER

Foi naquele dia, imediatamente a seguir à nossa refeição principal O «Morris» buzinou à porta da casa-mãe e dentro, Avelino, está ao volante. Era a hora de uma visita àquela que só dá pão ao filho quando ele barrega; e uma visita à viúva da nota da quinquena; e uma visita à viúva dos oito filhos. Tudo isto nomes e designações pelas quais são conhecidas na gíria do famoso, as figuras que lhe dão graça e mérito.

A da nota da quinquena foi a primeira. É preciso atravessar o rio Tâmega por sobre a formosa ponte de Abragão. Fazia sol. Em Ribaiçais, muito povo, por ser dia de feira. Pelos caminhos, feirantes com seus gados e negócios. Avelino alerta. Passava das 2 horas quando bate-mos à porta. A viúva começa por nos declarar que naquele dia, não sabia bem porquê, esteve todo o tempo a ouvir na estrada a corneta do automóvel.!

Não sabia ela, mas sabemos nós; era a necessidade que experimentava da nossa presença e do mais. Entramos para o sobrado aonde as camas são; a dela e a dos três filhos. Dali, via-se noutro cubículo a cozinha defumada com pucaros de barro à lareira. E fora, em uma pequenina dependência aonde antes arrumava lenha, é agora o tear. O seu tear. Ela abre a porta. Nenhum de nós coube; o tear ocupava. A viúva tinha feito dele o seu ganha-pão e na maré, estava carregado com uma montanha de tiras. Ela explica. Diz o nome do seu freguês e que já tinha tecido mais para a mesma casa e já tinha outras encomendas. Corre a sua mão calejada pelas várias peças do seu tesouro. Conta a história de cada uma. Depois do que faz uma pausa, volta-se inteira para mim e exclama: *olhe que eu aprendi sem aprender!* Esta frase solta, na boca de um qualquer, não tem lógica nem faz sentido porém ali, em seus tons e contornos, é a Enfase. É o hino do trabalho. Nova. Formosa. A malícia do mundo a espreitar... Três filhos a pedir pão. Ela, heróica, atira-se às aventuras do amor filial. Arranja um tear. Pede serviço. Me-

te-se a ele. *Aprendi sem aprender!*

De propósito damos aqui esta notícia, para conforto moral e consolação piedosa de Alguém que há mais de um ano, vem todos os meses com o valor de cem escudos para a viúva da nota da quinquena. É esta. É esta mulher forte. Que o nosso bom Deus a ajude a ganhar o pão e a ser fiel. Que o nosso bom Deus acrescente a vida daquele Anónimo que vai ler estas regras piedosas; e que a todos os nossos leitores empreste ouvidos de ouvir.

A seguir foi a viúva dos oito filhos, a qual tem tido por si um grupo de amigos com sua mesada certa, há um ano a esta data. Em Abril termina o tempo, a menos que haja o desejo de continuar. Ali fala a filha mais velha. Mãe encontra-se fraca...! A rapariga, por ser já de idade, serve uma padaria e espera-se que em breve venha a receber o abono de família; mas ainda não recebeu. Tem de se habilitar. As peias são de todos os lados e prendem toda a gente.

Ela vai respondendo às perguntas. Quando chega à maré do pão, diz que sim. Sim senhor. A nossa mãe só coze os sábados e se o pão não dá, a gente espera. A gente espera! Ela e os seus irmãos. A mãe está fraca... Outra maneira desconcertante de dizer grandes verdades. A simplicidade afoga e confunde as leis, os sistemas, tudo. A gente espera. No século de lutas e velocidades, aqui perto, numa casinha entre pinheiros, uma família de nove espera...

Assim como no caso supra, também aqui deixamos esta frase condenatória para alimento e consolação daquela pequenina grei que não falha todos os meses com a sua promessa. Pois que continuem em nome do Senhor, para se não condenarem. Amen.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA